



CIÊNCIAS SOCIAIS AFRICANAS: CONTEXTO E ADVENTO DE SURGIMENTO

Mamadú Boy Djaló¹

Alassam Baldé²

Sandra Dam Adelino Baptista Biifa³

Ricardo Ossago De Carvalho⁴

RESUMO

O presente artigo propõe-se analisar o contexto e advento de surgimento das ciências sociais africanas. Para tal, procura-se entender quais são as principais críticas das ciências sociais ocidentais que justificaram o surgimento das ciências sociais africanas. Visto que, a trajetória histórica das ciências sociais revela que esta ciência surgiu num contexto ocidental e, posteriormente, rumou para contextos não ocidentais. Esta trajetória faz dela uma ciência ocidental que, com o tempo e por vários fatores envolvidos, passou a ser praticada fora do Ocidente. Primeiramente, por cientistas sociais ocidentais e, depois, por cientistas sociais não ocidentais, nomeadamente: Asiáticos, Americanos e Africanos. É neste contexto de migração de pessoas, de ideias e de conhecimentos sociológicos que se pode falar do início da prática das ciências sociais em África. Porém, não se está dizendo que os cientistas africanos esperaram pela ciência social, para começarem a pensar sobre o social. Dado ao objetivo principal deste artigo, decidiu-se adotar o método qualitativo e de caráter bibliográfico, ou melhor teremos que embasar as nossas teses em algumas referências bibliográficas que se discutem sobre esta questão. Durante a nossa discussão vários pontos importantes foram levantados em relação a África, sua história, seu conhecimento e alienação dos seus intelectuais, acreditamos que foi uma discussão de extremamente importante e que merece uma aprofundada reflexão endógena dos próprios intelectuais e estudiosos africanos. Pois, notamos bastante preocupação dos autores referenciados aqui no artigo nomeadamente: Hountondji, Nkolo Foé e entre outros, concernente a autonomia e confiança dos intelectuais e estudiosos africanos em relação aos seus conhecimentos e produções sobre a África. Também acreditamos que, é necessário e muito urgente que os estudiosos africanos comecem a repensar a África e os seus conhecimentos que devem ser produzidos a partir da realidade africana. Por fim, é necessário que as Universidades africanas e sobretudo aquelas com cursos das ciências sociais/humanas ensinem aquilo que interessa a África, leiam os autores africanos que possam ajudar na desconstrução de certas teorias brancas ocidentais.

Palavras-chave: Ciências sociais ocidentais; Ciências sociais africanas; Advento de surgimento; Desconstrução.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades - Licenciatura em Sociologia ,
Discente, mamadujusper93@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira , Instituto de Humanidades, Bacharelado em Humanidades ,
Discente, baldealassam1998@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira , Instituto de Humanidades, Licenciatura em Sociologia ,
Discente, adelinobiifasandra@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente,
cienciapoliticahoje@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuramos analisar o contexto e advento de surgimento das ciências sociais africanas, em que foca é entender as principais críticas das ciências sociais ocidentais que justificaram o surgimento das ciências sociais africanas. Feito isso, as ciências sociais africanas constituem uma concepção por vezes ser mais do que um movimento teórico e crítico, ou seja, um projeto contra hegemonia do conhecimento produzido pelos autores clássicos do ocidente e que durante a história humana sempre tenciona menosprezo ao continente africano e o seu conhecimento.

Na obra do Nkolo Foé (2013) intitulado: “África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica”, compreendemos como problemática as posicionamentos necessários em questões relacionadas a subalternização do continente africano, perante as produções sobre ela que maioritariamente veio dos autores brancos ocidentais desde dos séculos passados e ainda vem sendo constatado, para isso, propomos refletir com essas produções de modo geral destacar as discussão críticas dos africanos em enfrentar esse imposição diante de uma precisa conscientização.

Na possibilidade de autoquestionamentos os autores africanos sentiram a necessidade de apresentar o outro lado da história não contada, de uma realidade contextualizada numa dimensão genérica, com a interpretação ou explicação parte de um pano de fundo, cuja perspectiva é inferiorizar, desvalorizar e desrespeitar o todo do continente africano, sobretudo os conhecimentos africanos sejam eles tradicionais ou científicos. Segundo Kaphagawani e Malherbe (2002, p. 03) “A epistemologia, onde quer que seja praticada, é a mesma, e assim como não temos uma matemática chinesa diferente, ou americana ou africana, também não existe tal coisa como uma epistemologia africana diferente”.

Desta forma, o trabalho estrutura apresentar com as discussão ilustradas nos dois subitens, no primeiro momento abordar as principais críticas das ciências sociais ocidentais que justificaram o surgimento das sociais africanas, em seguida o lugar dos estudiosos africanos no campo das ciências sociais, na base disto que tivemos a conclusão do trabalho e algumas encomendações deixadas na consideração finais.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, no qual fizemos as leituras minuciosas através de textos. A escolha dos materiais estudados, foi feita por terem relação com tema da nossa pesquisa, trazendo assim abordagens pertinentes que serviram de contributo para o desenvolvimento deste trabalho, tratando-se especificamente de artigos, livros, monografias e outras fontes confiáveis.

A pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto. Para tal, ele parte de um marco teórico-metodológico preestabelecido, para em seguida preparar seus instrumentos de coleta de dados, que se bem elaborados e bem aplicados fornecerão uma riqueza ímpar ao pesquisador. (Guerra, 2014, p.15)

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida tendo sua fundamentação em materiais já desenvolvidos composto essencialmente de livros e artigos científicos. De acordo com o autor, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica encontra-se pelo fato de conceder ao pesquisador a garantia de um conjunto de fenômenos bem mais complexos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PRINCIPAIS CRÍTICAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS OCIDENTAIS QUE JUSTIFICARAM O SURGIMENTO DAS SOCIAIS AFRICANAS.



A trajetória histórica das ciências sociais revela que esta ciência surgiu num contexto ocidental e, posteriormente, rumou para contextos não ocidentais. Esta trajetória faz dela uma ciência ocidental que, com o tempo e por vários fatores envolvidos, passou a ser praticada fora do Ocidente. Primeiramente, por cientistas sociais ocidentais e, depois, por cientistas sociais não ocidentais, nomeadamente: Asiáticos, Americanos e Africanos. É, neste contexto, de migração de pessoas, de ideias e de conhecimentos sociológicos que se pode falar do início da prática das ciências sociais em África. Porém, não se está dizendo que os cientistas africanos esperaram ciência sociais, para começarem a pensar sobre o social. O pensamento social africano já existia muito antes que as ciências sociais, pois, os africanos tinham as suas próprias formas de produzirem o conhecimento por intermédio da oralidade e não pela escrita científica.

Segundo Amadou Hampâté Bâ (s/d, p. 59),

A tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação [...] Nada prova a priori que a escrita resulta em relato da realidade mais fidedigno do que um testemunho oral transmitido de geração a geração. Além disso, os próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações, ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas.

No entanto, percebe-se que, o processo de construção do conhecimento é variável, dependendo do espaço e tempo, pois não existe uma forma única de produzi-lo. Além disso, nota-se que, nem tudo que é escrito carrega a verdade, ou seja, de tal forma como os escritores brancos ocidentais negavam ou questionavam o conhecimento proveniente da oralidade africana, assim também que se pode questionar um conhecimento escrito pelos brancos ocidentais e que muitas das vezes é mal escrito que consideravam a África como um continente sem a história como aponta Nkolo Foé (2013, p. 4),

[...], a África é um continente sem história! Ele diz mais precisamente: “A Ásia tem sua história, a América tem sua história, a Austrália ela própria tem sua história; a África não tem história [...], depois de ter decretado que esse continente “não tem uma história propriamente dita”, Hegel decide que aqui ele deixa a África para não mais fazer menção a ela mais tarde. Pois ela não faz parte do mundo histórico; ela não mostra nem movimento, nem desenvolvimento [...], então, para Hegel, a Europa não tem nenhum interesse em dialogar com esse continente do assustador e sem futuro: “África portentosa (FOÉ, p. 4- 5).

No texto do Achille Mbembe (2001), denominado “As Formas Africanas de Auto Inscrição”, o autor faz uma chamada de atenção muito importante aos estudiosos africanos enquanto sujeitos pertencentes, pois a sua história africana entende-se normalmente o discurso histórico sobre África, e não necessariamente um discurso histórico proveniente de África ou produzido por africanos (HOUNTONDJI, 2008, p. 3)

No entanto, era notório que durante a história das ciências sociais ocidental não havia valorização do continente africano e os próprios africanos com seus conhecimentos produzidos e transmitidos de geração para geração, assim como o conhecimento produzido pela juventude acadêmica africana (MACAMO, 2002). A tendência dos autores brancos ocidentais sobre a construção do conhecimento é um dos principais motivos de surgimento das ciências sociais africanas para fazer face e tentar desconstruir certas histórias escritas de forma errada a partir do Norte, também de valorizar e dar oportunidade aos conhecimentos provenientes do sul global e que muito tempo foram desvalorizados.

LUGAR DOS ESTUDIOSOS AFRICANOS NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Como é sabido o processo colonial não se limitava simplesmente em ocupações dos territórios colonizados, mas na verdade segundo Nkolo Foé (2013, p. 6-7),

[...], a África é de fato o continente que viu suas crianças reduzidas a escravos e deportados, seus territórios ocupados e colonizados, suas religiões e suas línguas destruídas e substituídas. Hoje, toda a África negra é muçulmana ou cristã; ela se comunica em francês, em inglês, em português, em espanhol e às vezes em alemão e em italiano, línguas da Europa imperial. O mundo veio para África e a dominou; então, a África devia pensar esse mundo para



compreendê-lo: compreender seu espírito, suas intenções, inclusive seu comportamento. O comportamento da Europa.

No entanto, há muito tempo o campo das ciências sociais era dominado pelos escritores brancos ocidentais e durante esse período de dominação, escreveram coisas sobre a África e os africanos, tentaram implantar a ideia de superioridade do branco contra o negro. No texto de Nkolo Foé (2013, p. 13), mostra como era percebido pelos escritores brancos ocidentais essa superioridade do branco contra o negro,

[...], os Negros são, por natureza, inferiores aos Brancos. A prova é que nunca existiu uma nação civilizada, nem indivíduo ilustrado por suas ações ou por sua capacidade de reflexão, dessa cor; a manufatura, a arte e a ciência lhes são desconhecidas e, em nenhuma parte entre os Negros escravos, não se pôde detectar o menor traço de inteligência.

Perante essa situação de dominação para os africanos, Hountondji (2008, p. 01) exorta que, “as sociedades africanas devem eles próprias apropriar se ativa, lúcida e responsavelmente do conhecimento sobre elas capitalizado durante séculos”. Posto isto, nota-se que ainda uma grande parte dos estudiosos africanos se encontram numa situação de alienação. “O uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica reforça esta alienação” (HOUNTONDJI, 2008, p. 9). Apesar que a missão é muito difícil de tentar reverter essa situação de alienação, porém não se descarta as possibilidades de os estudiosos africanos das ciências sociais principalmente começarem a pensar seus lugares dentro da academia o que representa enquanto africano, nas produções dos conhecimentos que possam ajudar no desenvolvimento do continente. Com base nesta ordem de ideias, Hountondji (2008, p. 10), exorta que, “os estudos africanos em África não deveriam contentar-se em contribuir apenas para a acumulação do conhecimento sobre África, um tipo de conhecimento que é capitalizado no Norte global e por ele gerido, tal como acontece com todos os outros sectores do conhecimento científico”.

Portanto, é necessário que os estudiosos africanos repensem sobre as suas produções e veem se elas estão realmente adequadas com as necessidades do continente africano e para sociedades africanas. Hountondji (2008, p. 01),

Convida os investigadores africanos da área dos Estudos Africanos e de todas as outras disciplinas a compreenderem que, até ao momento, têm vindo a levar a cabo um tipo de pesquisa maciçamente extravertido, isto é, orientado para fora, destinado em primeira linha a ir ao encontro das necessidades teóricas e práticas das sociedades do Norte.

CONCLUSÕES

Durante a nossa discussão vários pontos importantes foram levantados em relação a África, sua história, seu conhecimento e alienação dos seus intelectuais, acredito que foi uma discussão de extremamente importante e que mereçam ser aprofundada, no qual realça a reflexão endógena dos próprios intelectuais e estudiosos africanos. Pois, a preocupação dos autores estes referenciados aqui nomeadamente: Hountondji, Nkolo Foé e entre outros, no que diz respeito a autonomia e compromisso dos intelectuais e estudiosos africanos em relação a produções dos estudos África.

Acredito que é necessário e urgente, os intelectuais começarem a repensar a África, com uma produção contextualizada na realidade africana. Isto é, do dentro para fora e não do fora para dentro. Pois, nota-se bastante os fatores que reproduz ainda o imperialismo ocidental, a maior parte dela são observada nos ensinamentos escolares do ensino médio e nas Universidades, este que potencializa mais o cariz colonial sistemicamente alienável. É importante que as Universidades africanas e sobretudo aquelas com cursos das ciências sociais/humanas proponham um ensinamento contra dominação colonial e crítico para enaltecer a



identidade, cultura, modos de vida africana este propósito concerne emancipar um povo que ao longo dos tempos foi negada sua humanidade, criar interesses dos africanos a pensar a África, ler os autores africanos que possam ajudar na desconstrução de certas teorias brancas ocidentais é emancipar politicamente.

AGRADECIMENTOS

De maneira muito especial, agradecemos o nosso orientador, Prof. Dr. Ricardo Ossago de Carvalho. De igual modo agradecemos a todos os colegas da turma - disciplina Sociologia Africana II que contribuíram de forma direta ou indireta na discussão desta disciplina que resultou na construção deste importante artigo.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Hampâté Amadou. A tradição viva. In: História geral da África, I. Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília. Ed. Joseph Ki -Zerbo. UNESCO, 2010. p. 992.
- FOÉ, Nkolo. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? "Acomodação de Atlanta" ou iniciativa histórica? Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/31332/20037> . Acesso em: 15 nov. 2022.
- KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York. Routledge, 2002, p. 219-229.
- MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-Inscrição; Rev. Estudos Afro-Asiáticos, nº1, pp.171-209, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ddR69Y7Ptm6KDvv4tmHSvbF/> . Acesso em: 10 dez. 2022.
- MACAMO, Elísio. Constituição de uma sociologia das sociedades africanas. Sociologia (s). In: Experiência africana da modernidade: Estudos Moçambicanos, Maputo, 2002.